



A EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA COMO TEMA DE ELABORAÇÃO FÍLMICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO “PRO DIA NASCER FELIZ” (2007)

Rodrigo de Freitas Costa*

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

rfreitascosta13@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa discutir o documentário “Pro dia nascer feliz”, dirigido por João Jardim e lançado em 2007, sob a perspectiva da constituição da educação brasileira contemporânea. Muito se discute sobre o papel da educação pública e de qualidade entre nós brasileiros, seja no campo acadêmico, ou das artes, como o cinema. Porém, quando se pretende levantar questões a respeito do tema muitas vezes se deixa de lado os aspectos históricos desse debate. Neste texto, aliamos História, Cinema e produção de conhecimentos com o objetivo de historicizar o debate sobre o papel da educação pública, universal e laica.

Palavras chave: História – Cinema – Constituição Histórica da Educação Pública

CONTEMPORARY BRAZILIAN EDUCATION AS A SUBJECT OF A FILMIC DEVELOPMENT: CONSIDERATIONS ABOUT THE DOCUMENTARY "PRO DIA NASCER FELIZ" (2007)

ABSTRACT: This article aims to discuss the documentary “Pro dia nascer feliz” directed by João Jardim released in 2007, from the perspective of contemporary Brazilian education. Discussion about the role of public education and quality between Brazilians, whether in the academic field or in the arts, such as the cinema. However, when it comes to raising questions about the topic, the historical aspects of this debate are often overlooked. In this paper we put together History, Cinema and knowledge production with the aim of historicizing the debate on the role of public, universal and secular education.

Keywords: History – Cinema – Historical Constitution of Public Education

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM – Uberaba/MG) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

[...] o *documentário* é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das *imagens-câmera* e, principalmente, a *dimensão da tomada* através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.
Fernão Pessoa Ramos

Em 2007 o cineasta João Jardim lançou o documentário *Pro dia nascer feliz*, que tem como tema geral a situação escolar de adolescentes brasileiros em diferentes regiões do país. Condensado dessa maneira, o assunto, por si mesmo, não apresenta novidade, porém um olhar mais cuidadoso pode trazer questões importantes sobre a produção de sentidos históricos e sociais por meio da linguagem cinematográfica. Neste texto nos interessa recuperar uma dada “realidade” brasileira exposta pelas lentes com o objetivo de entender como o olhar interpretador do cinema é construído e atua no ambiente social.

Formado em cinema pela Universidade de Nova York, Jardim acumula experiências na área de direção. Além de ter trabalhado como assistente de Cacá Diegues, Murilo Salles e Paul Mazursky, atuou na Rede Globo no núcleo de Carlos Manga, sendo editor de minisséries nos anos 1990, e se destacou como editor do documentário *1930, Tempo de Revolução*, de Eduardo Scorel.¹ Em 2001 lançou seu primeiro filme como diretor, o documentário *Janela da Alma*², depois disso, vieram *Pro*

¹ 1930, Tempo de Revolução. Direção: Eduardo Scorel. Rio de Janeiro: Cinefilmes Ltda, 1990. Documentário, 1 DVD (50 mim).

² JARDIM da Alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Ravina Filmes, 2001. Documentário, 1 DVD (73 mim.).

*dia nascer feliz*³, *Amor?*⁴, *Getúlio*⁵ e, em codireção com Karen Harley e Lucy Walker, lançou em 2009 *Lixo Extraordinário*⁶, que foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2011. Nos cabe pensar como um profissional do cinema brasileiro, lidando com temas de forte impacto social, utiliza-se da linguagem artística do cinema documentário como forma de construção de sentidos. É claro que esse tipo de questionamento pode ser desdobrado em inúmeras indagações sobre o papel do documentário e, devido a isso, contribuir para as múltiplas discussões a respeito do cinema nacional.

Gravado entre 2005 e 2006, *Pro dia nascer feliz* é composto por entrevistas de alunos, professores e diretores de diferentes escolas.⁷ Os depoentes sempre são estimulados a falar diante das câmeras pelo próprio diretor que, em alguns momentos, faz perguntas sem aparecer em cena. O que marca a narrativa do documentário são as diferenças entre as escolas – sete públicas e uma particular – e, claro entre seus alunos. Portanto, a película traz contrapontos evidentes, por exemplo, entre centro e periferia, escola particular e pública, condições de sobrevivência no interior do país e nos grandes centros, entre outras. Os interesses de jovens estudantes, todos na faixa de 16 anos, que precisam conciliar suas vontades com a necessidade dos estudos e a sobrevivência em condições distintas no Brasil do início do século formam a linha condutora do filme.

Ao partir de dois temas amplos – processo de escolarização e juventude no Brasil – não se pode negar que inúmeras possibilidades de análises surgem, uma vez que debates de diferentes espectros políticos, ideológicos, culturais e até mesmo religiosos envolvem as discussões sobre a formação escolar de jovens brasileiros. Nesse contexto, o diretor escolhe e marca o seu lugar de interpretação ao contrapor diferentes imagens de um país imenso e múltiplo, principalmente dos pontos de vista territorial,

³ PRO Dia Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Rio de Janeiro: Tambellini Filmes, 2007. Documentário, 1 DVD (90 mim.).

⁴ AMOR? Direção: João Jardim. São Paulo: Copacabana Filmes, 2010. Documentário, 1 DVD (100 mim.).

⁵ GETÚLIO. Direção: João Jardim. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2014, 1 DVD (100 mim.).

⁶ LIXO extraordinário. Direção: Lucy Walker, Karen Harley e João Jardim. Brasil e Inglaterra: Downtown Filmes, 2009. Documentário, 1 DVD (90 mim.).

⁷ O documentário é filmado nas seguintes escolas: Escola Maria Alzira de Oliveira Jorge (Manari – PE), Escola Coronel Manoel de Souza Neto (Manari – PE), Escola Antônio Guilherme Dias de Lima (Inajá – PE), Colégio Estadual Guadalajara (Duque de Caxias – RJ), Colégio Santo Inácio (Duque de Caxias – RJ), Escola Estadual Levi Carneiro (São Paulo – SP), Escola Estadual Parque Piratininga II (Itaquaquecetuba – SP) e Colégio Santa Cruz (São Paulo – SP).

social e econômico. O papel desempenhado pelo diretor nos ajuda a definir o próprio cinema documentário, pois como aponta Fernão Pessoa Ramos,

O documentário, antes de tudo, é definido pela *intenção* de seu autor de fazer um documentário (*intenção* social, manifesta na *indexação* da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (*voz over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da intenção da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do *documentário*, embora não exclusivamente.⁸

Já que a intenção de um autor de documentário reside na ação e interpretação sobre o tema escolhido, esse cinema, apesar de utilizar procedimentos do campo do cinema ficcional, produz outro tipo de sentido, onde o que interessa, além do entretenimento, é marcar a singularidade de análise sobre o tema. Enfim, a escolha temática a ser apresentada não é livre de interesses e perspectivas. No caso de *Pro dia nascer feliz*, há uma percepção, por parte do diretor e sua equipe, da importância do processo escolar, porém eles deixam claro que não há uma noção geral e irrestrita de educação para todo país. O que existem são diferenças significativas sobre o peso da educação em distintos tempos e lugares. Em outros termos, tratar sobre educação e ansiedade da juventude no interior de Pernambuco é diferente de recuperar o mesmo tema na periferia dos grandes centros urbanos do sudeste e mais ainda no centro da maior cidade do país. O tema do documentário gira em torno dessas questões que deixam evidente o posicionamento da direção, assim como as características documentárias lembrar por Ramos.

Frente a isso, chamamos atenção para o “lugar” da interpretação do diretor, o que demonstra que ao assistirmos ao filme não estamos diante da “realidade”, mas de um recorte interpretativo, produtor de sentidos sobre um tema específico. Acessamos “a realidade” por meio do olhar do outro. Por mais que o gênero documentário demonstre certa prevalência em relação à apresentação do “real”, ele também é composto de

⁸ RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008, p. 25.

processos criativos que, obviamente, não podem abrir mão de recortes e seleções. Para tratar do assunto escolhido, Jardim apresenta o seu lugar que, por ser coerente e válido, precisa ser entendido em seu contexto e interpretado a partir do objetivo interpretador que o filme carrega.

Além da escolha das escolas, não se pode deixar de considerar os aspectos formais como elementos de interpretação. O filme é composto por quadros que aos poucos apresentam ao espectador as diferentes escolas. Para isso, o que prevalece são os depoimentos dos entrevistados, marcados por imagens amplas das cidades, das escolas e, por fim, dos entrevistados. A mudança de um ambiente escolar para outro é realçada por textos que aparecem na tela apresentando os lugares. Além disso, o uso de alguns recursos na narrativa fílmica são bastante incisivos para fomentar a interpretação que o filme deseja de seu espectador.

Com o fundo da tela todo preto e ainda apresentando os patrocinadores da película, o espectador ouve a voz de uma jovem: “Às vezes eu acho que é um pouco violento esse jeito como... sei lá, como se vive no mundo. E às vezes as pessoas realmente têm que deixar de lado aquilo que elas acreditam pra se conservar vivas”. Ao fim da frase, letras em branco sobem lentamente no meio da tela escura, formando o nome do filme. A tela preta, a voz e as letras estabelecem um espaço de recepção e encaminham o espectador para a complexidade da questão que envolve o título.

As primeiras imagens aparecem na tela, elas são do ano de 1962 e estão compostas com a voz de um locutor.⁹ Por meio de notícias de um jornal – “Na cidade sem escolas, jovens escolhem o crime.” e “Preocupa o país o problema da juventude transviada.” – o locutor se pergunta: “Até quando estas manchetes serão habituais?” Após a imagem de jovens dançando, se beijando, fumando e mascando chicletes, o locutor, com voz empostada, novamente questiona o público: “Esse menino saberá votar amanhã? Saberá escolher os dirigentes da pátria?” Surge em cena um jovem roubando um carro, novamente a voz ressalta: “Alguém já ensinou a esse jovem que seus problemas não se resolvem dessa maneira? Alguém lhe deu uma escola, uma oportunidade, um futuro?” E assim continua por alguns segundos até dizer que a

⁹ Provavelmente essas imagens são do Canal Cem, informativo dos anos de 1960 que eram feitos para serem exibidos em salas de cinema antes dos filmes.

urgência do Brasil é investir em educação, apresentando o seguinte dado: “de 14 milhões de brasileiros em idade escolar, apenas a metade vai à escola e aprende a ler”.

Tela preta e texto em branco: “44 anos depois, 97% das crianças em idade escolar entram na escola. Com o passar dos anos, muitos abandonam, 41% não concluem a 8ª série. Segundo avaliações promovidas pelo MEC, a metade dos estudantes do ensino fundamental não consegue ler ou escrever corretamente”. A ligação entre passado e presente é construída na tela e, por sua vez, justifica o tema do filme.

Os recursos cinematográficos contrapõem dois tempos e a mensagem é clara: no momento de produção do documentário a maioria dos brasileiros vão à escola, porém menos da metade concluem o Ensino Fundamental e muitos continuam sem ler e escrever. A alteração está somente no número de matrículas, o problema continua, mesmo sem o teor moral e até patriótico do início dos anos de 1960. Há, portanto, uma preparação do espectador para que ele tenha acesso à “realidade” que o documentário irá apresentar.

Como se sabe, o Brasil é um país que tem inúmeros problemas relacionados ao processo de escolarização. Os dois recortes temporais apresentados no início do documentário, em si mesmos, dizem muito pouco sobre a complexidade do problema. Apesar de agirem como “voz de autoridade” ou como elemento que sustenta a realidade, eles trazem dados superficiais do ponto de vista da análise educacional. Porém, o mais interessante nesse caso é que eles são utilizados no início da narrativa para confirmar um problema que perpassa décadas e que ainda envolve o jovem brasileiro do início do século XXI. Porém, é preciso ressaltar que os dois tempos citados – passado/1960 e presente/2006 – são distintos, principalmente do ponto de vista educacional. Da Ditadura Militar brasileira, passando pelo processo de redemocratização e pelo período que se convencionou chamar de “nova república”, há um tempo longo, onde diversos projetos educacionais foram colocados em prática e, como sabemos, promoveram outros redimensionamentos que foram além do campo escolar especificamente. Aliás, a ideia de uma educação ampla, crítica e renovadora foi fortemente atacada pelos militares em todos os níveis educacionais e não somente na Educação Básica. Já nos anos posteriores a 1990, após a promulgação da Constituição de 1988, muitos foram os debates e avanços educacionais no país, o que não significa uma melhoria efetiva no processo

educacional. De fato, são momentos distintos e o teor dos dados educacionais apresentados nos recortes também são. O que resta em comum é o grande tema: problema educacional brasileiro.

Sabemos que o documentário não tem a intenção de aprofundar esse debate entre passado e presente que aqui também apresentamos de maneira muito rápida. No entanto, o que nos interessa é chamar a atenção para os recursos que fundamentam “a realidade” que é estampada em tela. No processo de urdir o enredo do filme, a introdução tem um papel importante, cabe a ela – assim como em qualquer narrativa – apresentar o problema e já apontar o caminho que será percorrido pelo autor/diretor. Os depoimentos que surgirão na película, logo após as imagens iniciais, ganham consistência diferente, uma vez que o espectador já foi preparado para olhar para os entrevistados, e para si mesmo, como parte de um problema que se apresenta durante anos na história brasileira. Além disso, esse discurso só consegue capturar o telespectador, estabelecendo uma verdade prévia, porque há um lugar comum na sociedade em geral que diz que a educação brasileira passa por dificuldades desde o passado mais remoto.

Se o problema persiste, nada poderá ser feito para que ele seja revertido? Essa é uma pergunta simples e pode ser aprofundada e desdobrada pela localização do problema e as possíveis formas de resolvê-lo. Acreditamos que o diretor procurar fazer isso centrando o olhar sobre a desigualdade social. As cenas seguintes são preponderantes nesse sentido.

As partes que compõem o documentário são bem delimitadas e a apresentação das escolas é caracterizada pela exposição de diferentes realidades sociais. Basicamente podemos dividir a película em cinco momentos que, por sua vez, demonstram os elementos do enredo construído pela trama fílmica. A narrativa se inicia pela região nordeste, mais especificamente em uma das cidades com o menor IDH do país à época, Manari, Pernambuco. Depois, passa pela periferia de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, apresentando uma escola localizada próxima a zonas de tráfico de drogas e com a maioria de alunos negros. Segue para Itaquaquecetuba, São Paulo, marcando novamente o espaço periférico da escola. Depois disso é apresentada ao espectador uma escola particular tradicional no bairro de Alto de Pinheiros, região rica da capital paulista. E, por fim, uma escola, cujo nome não é apresentado, na periferia de São Paulo, onde o

tema da violência entre os alunos forma o centro da narrativa. A conclusão desse enredo se dá com o depoimento de uma aluna de Manari, Valéria, ao mesmo tempo em que imagens da vegetação árida do nordeste estão na tela.

Olhando para o todo, é possível perceber que há uma linha narrativa que parte da introdução, adentra os capítulos e chega à conclusão. É claro que existem intenções em qualquer tipo de narrativa e o documentário não está isento disso e, assim, não apresenta “o real”, mas compõe um enredo que procura consolidar uma dada imagem.

É importante dizer que há um teor em cada capítulo ou parte do filme e a localização deles na linha interpretativa reforça uma dada circunstância ou ideia. Por exemplo, aos espectadores preparados pela introdução são apresentadas inicialmente três situações escolares distintas, todas elas marcadas pelo tema da desigualdade social e da falta de oportunidades para os jovens brasileiros que nascem em regiões desprovidas de acesso aos bens básicos da sociedade. Após tudo isso, já transcorrida mais da metade do filme, o espectador conhece a escola do bairro nobre de São Paulo. Nesse momento, a desigualdade social toma um valor interpretativo imenso, uma vez que o problema inicial é reforçado pela diferença da escola particular em relação às escolas públicas anteriormente apresentadas.

Como já ressaltado, há por parte do diretor do documentário uma intenção na organização da trama. Não é por acaso que a situação do Colégio Santa Cruz surge no meio da narrativa após a apresentação de situações complexas, todas elas aprofundadas pela pobreza e falta de perspectivas dos jovens que aparecem em cena. Além disso, é preciso lembrar que logo após o espectador conhecer a “realidade” do Colégio Santa Cruz, ele fica diante de depoimentos que narram situações de violência extrema de uma escola. Duas alunas relatam cenas de brigas, alunos contam dos roubos que cometem ao mesmo tempo em que tratam da impunidade que reina no país e, por fim, uma voz jovem aborda um assassinato a facadas cometido na escola por brigas banais. A urdidura da trama que visa apresentar a “realidade” escolar brasileira, por si mesma, não só narra, mas interpreta e constrói sentidos.

O tema da desigualdade não ganha amplitude no filme apenas por meio de aspectos formais, ele se concretiza obviamente pela escolha dos personagens. São vários os jovens entrevistados, todos eles têm em média 16 anos. As falas dos alunos são pontuadas por breves entrevistas com professores e diretores, além de algumas cenas

dos conselhos de classe que ocorrem nas escolas públicas, uma vez que somos informados por meio das legendas que a equipe do filme não conseguiu permissão para a filmagem do conselho de classe no colégio particular.

A aluna Valéria, de Manari, é provavelmente a que mais tem destaque na trama. Ela mora em uma das cidades mais pobres do país, é aluna do Ensino Médio, precisa viajar de ônibus todos os dias até uma cidade vizinha porque na sua cidade não há essa modalidade de ensino. Durante duas semanas de filmagem, somos informados que Valéria foi à escola somente três vezes porque o precário ônibus que transporta os alunos estava quebrado. Ela adora escrever e ler, em especial literatura brasileira, inclusive as imagens da pobre cidade abrem o filme com trechos da leitura do poema “Ausência”, de Vinicius de Moraes, realizada por Valéria que, aparece em cena pela primeira vez dizendo as seguintes palavras: “Aqui na maioria das vezes a gente não tem nem chance de sonhar”. Ela narra que é vista como diferente porque gosta muito de ler e mostra um livro de poesias de Vinicius de Moraes e segue citando seus autores preferidos, entre eles Carlos Drummond de Andrade e Manoel Bandeira. Depois disso, lê suas próprias redações tratando da dura vida que enfrenta e diz que muitos professores não aceitam seus textos porque não acreditam que ela os tenha escrito, mas sim os copiado de algum lugar.

Valéria é a personagem ideal para tratar da desigualdade social e da falta de oportunidades escolares dos jovens brasileiros que nasceram em regiões pobres e que não são atendidos por políticas públicas. De fato, a sua presença em cena impacta e emociona, pois apesar dela apresentar um grande potencial intelectual, é vítima de uma situação histórica avassaladora. As imagens são doloridas e demonstram a falta que faz a educação de qualidade no Brasil, além da ausência do papel do Estado em termos de ações e políticas que possam atender as necessidades dos cidadãos brasileiros. Falta à jovem oportunidade de estudar e construir uma vida melhor, como ela mesma expressa na primeira vez em que surge em cena.

Ao final do filme, Valéria volta à tela recitando um texto seu, que é uma releitura do poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. A falta de oportunidades em relação à Manari continua nas palavras da estudante apesar de que, na época, está concluindo o curso Normal em sua cidade, já que uma escola de Ensino Médio foi aberta no município. Como personagem ideal, Valéria representa para o espectador que

o Brasil é composto por muitas outras pessoas nas mesmas condições e a escola, por sua vez, ao invés de surgir como um espaço de oportunidades falha em seu objetivo principal que é preparar as crianças e os jovens para viverem em sociedade. Uma situação séria, triste e desoladora sempre reafirmada pelo documentário.

Como são muitas as áreas pobres apresentadas pelo filme, também são vários os depoentes/personagens que, ao tratar da realidade escolar em que estão inseridos, demonstram que vivem em situações de profunda falta de oportunidades. Em outros termos, a escola, como local privilegiado de formação, deixa de ter sentido para muitos. Os problemas dos jovens são causados pelo contexto social em que vivem e o processo escolar está distante de auxiliar na resolução dos mesmos. Ao contrário, muitas vezes os problemas externos são potencializados no interior da escola. Nesse sentido, Valéria é uma personagem símbolo, sua angústia por não poder estudar será compartilhada por outros depoentes mesmo vivendo em regiões distintas do Brasil e, além deles, ainda existem os que não sentem falta dos estudos, apesar de serem alunos regularmente matriculados.

Fazendo uma espécie de contraponto em relação à Valéria, a tudo que ela representa e aos demais estudantes de escolas pobres, surgem os alunos do colégio particular. Entre esses, a aluna Cissa, também de 16 anos, ganha destaque. Na entrevista que ela concede para o documentário o tema da exclusão social surge logo no início e ela se coloca da seguinte maneira: “Olha, eu não sou uma pessoa que vou lá... vou na favela, ou convivo com um [pobre/favelado], não. Mas, eu tenho um pouco de contato, talvez... Não contato, mas eu tento ver. Se eu saio na rua eu tento ver aquele menino que está ali pedindo bala e não só falar ‘ah é um cara querendo me encher’ e fechar a janela. Tentar ver um pouco mais né”.

O meio em que a aluna vive é completamente distinto dos outros apresentados até então na película, a escola que ela frequenta também é diversa, as aulas ocorrem com normalidade. Enfim, a questão sócio-econômica continua sendo a tônica para analisar o processo educacional e a formação dos jovens brasileiros. Os anseios de Cissa são opostos aos de Valéria, estamos diante de duas jovens brasileiras com a mesma idade e que vivem situações completamente diferentes.

Na trama do documentário, o espectador sutilmente é questionado sobre essas diferenças. Com isso, o filme constrói uma “realidade” sobre as dificuldades da

escolarização brasileira incomodando àquele que assiste com o objetivo de chamar atenção para a situação que todos sabem que existe, mas que no dia a dia muitas vezes permanece intocada ou até naturalizada.

A educação no Brasil mantém privilégios e está longe de ser um direito de todos, como preconizam nossas leis. A entrada em cena das imagens do Colégio Santa Cruz, bem como de seus alunos, aqui representados por Cissa, busca escancarar o abismo entre educação pública e particular, entre formação e qualidade de ensino e, principalmente, entre centro e periferia. Pelas palavras da aluna, a pobreza faz parte de outro espaço, ela sabe que existe, até procura vê-la e entendê-la, mas não é um problema exclusivo dela. Inclusive quando reflete sobre o que pode fazer em relação aos pobres, ela fala em trabalho voluntário, porém isso toma tempo e atrapalha as suas atividades diárias, entre elas a natação. Depois de breves debates, Cissa ressalta que não é diferente do outro, se considera igual, por isso não acha que deve ir à periferia ajudar as pessoas, pois não está acima delas. O que prevalece, portanto, é uma arraigada noção de individualismo.

Ao tratar de seus dramas pessoais, Cissa deixa claro que seus maiores desafios são em relação aos meninos, pois considera que estudou muito durante todo o ano e, nesse processo, os garotos se afastaram dela. “Eu fiquei com um menino o ano inteiro... e eu falei ‘será que eu estou me desviando?’, ‘será que eu estou estudando muito?’ ‘eu não estou sendo muito mulher e estou deixando um lado meu de lado?’ Isso é uma coisa que me pega, de ser vista como uma menina que só estuda. E não é verdade, eu tenho a minha vida. Eu nado, eu faço ioga, eu faço mil coisas, sei lá... Mas eu me dedico bastante aos estudos. Agora no final de ano eu só tirei férias ontem. Hoje é meu primeiro dia de férias, estava fazendo prova até ontem”.

O contraste em relação aos outros depoentes se aprofunda ainda mais. A escolha desse trecho da entrevista para figurar como parte importante da película, obviamente, não é aleatória. Ele reforça a percepção de sociedade e exclusão social que o filme trata o tempo todo. Ao mesmo tempo, Jardim demonstra que mesmo os alunos que possuem boas condições de estudos no colégio particular, são tratados como clientes naquele ambiente e o que interessa, de fato, para muitas escolas de elite são os resultados que os alunos atingem. A própria aluna Cissa, ainda relatando seus dramas pessoais, conta que outras escolas caras ligam para sua casa oferecendo melhores

condições para que ela mude de escola e se torne uma espécie de garota propaganda do colégio. No fundo, Cissa e seus colegas também são vítimas de educação excludente. Percebemos por meio do filme que o tema da educação funciona como o prenúncio de um problema bem maior, que está enraizado na sociedade brasileira e que necessariamente precisamos enfrentar. O contraste que a narrativa realça tem esse sentido. A “realidade” educacional se constrói na tela e, claro, demonstra o “lugar” de onde o diretor e sua equipe promovem a narrativa.

Existe também, como já foi dito, uma expectativa em relação ao espectador, o filme busca chocar, tirar as pessoas de sua zona de conforto, o que é garantido por aspectos formais e temáticos. Valéria e Cissa formam, portanto, dois pólos importantes da narrativa. Ao final, a mesma tela preta com letras brancas que nos diz que Valéria é aluna do curso Normal na sua cidade também nos informa que Cissa, na época de lançamento do filme, cursa engenharia na USP.

Diante dessas breves questões, acreditamos que a narrativa fílmica composta pelo diretor João Jardim realiza o recorte de uma “realidade” bastante ampla que também é por demais complexa e, utilizando dos recursos do cinema documentário, é capaz de impactar o espectador com o escopo de chamar a atenção para um problema maior que a própria questão da qualidade do ensino no Brasil. Os contrapontos narrativos, a nosso ver, implodem os discursos superficiais que dizem, por exemplo, que a solução para os problemas do nosso país está na educação, como apresentado pelas cenas de 1960 no início do documentário. Antes de tudo, é preciso perguntar quais as condições em que ocorrem o processo educacional no Brasil. Nesse ponto, talvez uma das principais forças da narrativa do documentário esteja na exposição dos limites das próprias ideias liberais entre nós.

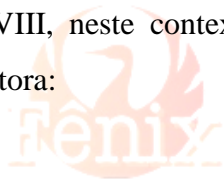
A pesquisadora Carlota Boto, ao refletir sobre a instrução pública e seu projeto civilizador, nos lembra que os princípios da escola pública, gratuita e laica se localizam na base do projeto iluminista do século XVIII, portanto, no centro dos discursos que deram fundamentação para a formação da sociedade liberal. Sobre a importância e o teor desse debate naquele momento a autora nos relembra a figura de Marquês de Condorcet (1743-1794). Estudante de filosofia, que se tornou reconhecido como conhecedor de matemática, cumpriu papel destacado entre os pensadores iluministas e

atuou de maneira preponderante na Assembléia Legislativa Francesa em 1792, sobretudo como Presidente da Comissão de Instrução Pública.

Entusiasta das liberdades individuais, valoroso defensor da criação de uma nova sociedade, diferente daquela do “antigo regime”, e entusiasta das revoluções Francesa e Americana, Condorcet foi admitido na comunidade científica de seu país e sempre defendeu a autonomia intelectual diante dos poderes constituídos. Via a instrução como o centro da formação do “novo homem”. De acordo com Boto,

[...] pode-se dizer que Condorcet valorizava a instrução por seu papel de esclarecimento, como privilegiada estratégia formadora de códigos de civilidade e, principalmente, de registros de civilização. Aquilo que Rousseau via com desconfiança era exatamente o que entusiasmava o pensamento e a ação de Condorcet. O desenvolvimento da racionalidade humana compreendia, de modo correlato, uma racionalidade social. Esta aprimoraria os povos.¹⁰

Pelas mãos e ações de Condorcet, a instrução pública foi pensada e consolidada em torno de um projeto de sociedade que se fez prevalecer a partir de fins do século XVIII, neste contexto a formação racional atingia importância singular. Continua a autora:



www.revistafenix.pro.br

O conhecimento traria uma característica emancipatória posta na formação da consciência livre; do sujeito capaz de pensar por si mesmo, sem o recurso à razão alheia. Nesse esquadro, a instrução pública seria estratégia dos poderes seculares dirigida a promover a equidade, a razão autônoma e o primado da diferença de talentos sobre a diferença de fortunas. [...] Em Condorcet, de fato, os talentos são compreendidos como organização das disposições conferidas pela natureza. Minimizadas as distâncias sociais, as distinções que a natureza produziu entre as pessoas aparecem com maior vigor.¹¹

A importância do processo de escolarização no ambiente de consolidação da sociedade liberal é preponderante não só no que se refere ao uso da racionalidade como forma sustentar as reflexões, mas também para priorizar a diferença de talentos sobre a de fortuna, uma vez que aquela é valorizada pelos arautos iluministas. Assim, Condorcet, ao atuar na Assembléia Legislativa Francesa tornou-se conhecido pela

¹⁰ BOTO, Carlota. **Instrução pública e projeto civilizador**: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 291.

¹¹ BOTO, Carlota. **Instrução pública e projeto civilizador**: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 291-292.

produção do Relatório que deveria desembocar em um Plano de Instrução Nacional. Havia ali a convergência do homem de ideias com a ação prática. Surgia talvez uma das defesas mais enfáticas do ensino público, laico e gratuito aliado obviamente a uma proposta de sociedade que aqui denominamos de liberal.

Na atualidade, talvez o sentido mais profundo da escola pública e laica passe despercebido entre a maioria das pessoas, mas sempre é bom retomar os elementos teóricos e filosóficos que sustentam o mundo liberal quando se pretende minimamente tocar no complexo tema da desigualdade social e sua relação com a escolarização. O “homem novo”, preconizado pelos Iluministas e pelas revoluções de fins do século XVIII, só podia ser assim entendido pela liberdade que ele carregava e esta, por sua vez, fomentada pelo processo de escolarização racional que retificaria as desigualdades de fortuna e poder. Participar do espaço público, ou seja, da vida social, exigia liberdade que, em um ambiente social e economicamente desigual, era fomentada pela instrução.

Nesse sentido, ainda seguindo as trilhas de Boto, podemos lembrar que



A cultura faria florescer os melhores talentos; esses, naturalmente, se destacariam. Com isso, progressivamente, a sociedade corrigiria os males ocasionados pelas desigualdades de prestígio, de poder e riqueza. O homem livre só poderia ser – para o mundo moderno – o indivíduo instruído: aquele que, além de participar da esfera pública, teria sobre essa o direito à livre palavra.¹²

Qual o peso dessas reflexões para a compreensão da narrativa do documentário produzido por João Jardim? Acreditamos que uma das maiores contribuições do filme foi ter organizado seu enredo com vistas a demonstrar a convergência entre pobreza, falta de oportunidades e escolarização no Brasil recente. Ou seja, ao defender a perspectiva de que muitos jovens brasileiros são excluídos em seus respectivos processos educacionais, Jardim apresenta ao espectador, entre outras coisas, as contradições que o discurso liberal adquire no Brasil. Se um dos princípios da escola pública e laica sempre foi a redução da desigualdade de fortuna com vistas a fomentar a participação livre do indivíduo na sociedade moderna, o nosso país tem trilhado caminhos opostos.

¹² BOTO, Carlota. **Instrução pública e projeto civilizador: o século XVIII como intérprete da ciência, da infância e da escola.** São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.343.

Desse ponto de vista cabe sempre lembrar que o documentário tem por objetivo apresentar “a realidade”, mas para isso o diretor elege um tema a ser retratado, realiza pesquisas, colhe depoimentos, capta imagens, entre diversas outras atividades. Após esses momentos, realiza um minucioso trabalho de seleção, recorte e montagem com vistas a alcançar a construção narrativa que, por sua vez, deve ser interpretada por aquele que assiste. Os elos entre o público e a obra se concretizam por recursos formais e temáticos, como a citação diretamente do passado e também de dados estatísticos, como realizado logo no início da película. Enfim, o documentário é construção e não a materialização do “real” na tela.

Essa construção do “real”, do ponto de vista temático, impacta o espectador e escancara os limites da maioria dos discursos liberais entre nós. Como pensar em participação social numa sociedade tão desigual? Qual o peso da educação para a consolidação da desigualdade? É possível tratar de democracia, em seu sentido moderno, num ambiente onde a escola também – e paradoxalmente - se torna fonte de exclusão?

Manari, Duque de Caxias, Itaquaquecetuba e São Paulo não são escolhas aleatórias. As escolas que existem nessas cidades são indícios não só da dureza e da falácia da educação de qualidade no Brasil, mas da perversidade que o discurso liberal adquiriu em regiões distantes de onde foi formulado. O documentário é evidente nesse sentido, o discurso que ele sustenta nos permite inclusive reavaliar o sentido do mérito entre nós. Se minimamente queremos incluir o Brasil em um mundo liberal mais amplo – hoje muito se fala em meritocracia, por exemplo – temos que enfrentar seriamente o tema educacional e lembrar que o Estado tem papel preponderante para garantir a diferença de talentos.

Além dos recursos fílmicos manejados por João Jardim terem papel importante nesse processo, é sempre bom reafirmar que as interlocuções entre História, Cinema e documentário são capazes de elaborar “o real” com vistas a intervir na ação cotidiana. Valéria, Cissa e outros jovens dão rosto às nuances da desigualdade brasileira, tema que não se resolve sem discussões concentradas e uma boa dose de reconhecimento da nossa singularidade.

Seria interessante nesse momento recuperar as imagens que fecham a película. Em uma escola pobre, provavelmente no nordeste, a câmera foca na imagem de crianças

que recebem um prato de merenda. Todas elas devem ter entre 5 e 6 anos de idade, por serem tão pequenas têm dificuldades para segurar seus pratos ao mesmo tempo que se encaminham para a sala de aula onde devem se alimentar. A comida parece uma mistura de leite com farinha ou algum cereal, as carteiras da sala de aula são velhas, o chão sem piso. Os rostos das crianças são tristes, assustados e demonstram desamparo.

Essas imagens bastante sugestivas encerram a narrativa e reforçam o tema da exclusão, da pobreza e das condições de escolarização no Brasil além dos jovens na faixa dos 16 anos. As crianças que não recebem uma merenda de qualidade e estudam em escolas empobrecidas serão os jovens de amanhã. Um infundável ciclo se consolida, novas gerações com o mesmo problema. Com isso, o diretor reafirma os posicionamentos apresentados durante todo o filme e completa a sua narrativa.

Da frase inicial – “Às vezes eu acho que é um pouco violento esse jeito como... sei lá, como se vive no mundo. E às vezes as pessoas realmente têm que deixar de lado aquilo que elas acreditam pra se conservar vivas” – até a última imagem, o diretor nos apresenta uma dada “realidade” e, com isso, ressalta as peculiaridades da dura desigualdade nacional. “Pro dia nascer feliz” os brasileiros precisam de muito mais do que respostas fáceis, precisam encontrar a peculiaridade de nossa formação histórica e assim, quem sabe, entender inicialmente o teor da ressignificação das instituições liberais entre nós. A escola é apenas uma delas e o documentário de João Jardim está aí para estimular o debate.

RECEBIDO EM: 15/03/2019

PARECER DADO EM: 30/05/2019



www.revistafenix.pro.br